

A RELAÇÃO NARRADOR E LEITOR EM *DOM CASMURRO*

Maria Helena Laureano
Ufes

Resumo: Nos romances do século XIX, narrados em primeira pessoa, como *Dom Casmurro*, há uma pré-seleção de fatos e idéias com a possibilidade ou não de confirmação desses fatos. Isso ocorre porque o narrador é o tradutor de sua história, o autor é o tradutor de seu tempo (de sua visão sobre o mundo), o leitor é o tradutor da história contada pelo narrador no tempo real da leitura: hoje. Por isso, a relação narrador e leitor desse romance deve ser analisada levando em conta as interferências do passado na fala do narrador e do presente na interpretação do leitor.

Palavras-chave: Narrador. Leitor. Tradução.

Abstract: In the novels of the nineteenth century, narrated in first person, as *Dom Casmurro*, there is a pre-selection of facts and ideas with the possibility of confirmation or otherwise of these facts. This is because the narrator is the translator of his history, the author is the translator of his time (of his vision on the world), the reader is the translator of the story told by the narrator in real time of reading today. Therefore, the reader and narrator of this novel should be considered taking into account the interference of the narrator speaks in the past and the present in the interpretation of the reader.

Keywords: Narrator. Reader. Translation.

DA NARRATIVA

Dom Casmurro: uma narrativa que, logo no início, ainda no título, se apresenta como um romance autobiográfico, pois

utiliza como título o nome do personagem principal e, como deixa claro nos primeiros capítulos, vai narrar em primeira pessoa fatos de sua vida. Logo, trata-se de uma autobiografia escrita e narrada em vida por um narrador-personagem. Começemos por aí: narrador personagem? Romance autobiográfico? *Dom Casmurro*? Ora, já temos vários indícios de que não se trata de um romance tradicional, pois o personagem principal, que também é o autor e narrador da história, vai contar sua vida estando ainda vivo (ao contrário de *Brás Cubas* do mesmo autor), mas ele próprio é uma ficção, sua vida é uma história inventada. Talvez até por isso, nos dois primeiros capítulos, uma narrativa introspectiva e altamente psicológica dá o “pontapé” inicial no romance, traçando seu perfil na tentativa de se auto-afirmar como real para a ficção, confirmando também a veracidade do que vai contar. (Dar seu próprio nome à história, explicar o porquê (DO TÍTULO, p. 15-16)) e expor os motivos que o levaram a essa empreitada é apenas o início de uma tentativa de se apresentar para o leitor, numa entrega total, falar de seu drama pessoal: “O meu fim era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência.” (DO LIVRO, p. 17). Em seguida, com um ar de melancolia, herança do Romantismo que ainda impregnava as obras daquela época, denuncia-se a si mesmo morto por dentro, feito só de aparências, um “vivo-morto”:

[...] Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o inferno não agüenta tinta. Uma certidão que desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim [...].

Nesse trecho, distancia-se de si mesmo, do que fora, para

recompor sua história; surge, agora, o narrador onisciente e onipresente, mas que precisa afastar-se do que viveu como experiência própria para deixar o personagem “Dom Casmurro” revivê-la.

O Dom Casmurro narrador faz parte da realidade da ficção e cria um Dom Casmurro personagem que irá reviver os acontecimentos na ficção da ficção – ficção criando ficção. Como já foi dito anteriormente e poderemos perceber no decorrer desta argumentação, não é uma narrativa tradicional, pois não tem nenhuma intenção de ensinamento, apenas cria tensões e não as resolve, gera conflitos, desorienta e não decide nada. Não pretende resolver tensões e sim instaurá-las. Para isso, o narrador recorre somente às suas memórias e à de mais ninguém; uma memória romancista, individual, mas que reflete o universal ao representar a vida do homem moderno com os ranços da aristocracia decadente no Brasil do século XIX. Uma narrativa que tem um fim em si mesma é, ou quase é, um solilóquio, fechada como um “casmurro”, que segundo o narrador, significa “calado, metido consigo mesmo”. (DO TÍTULO, P. 15).

No entanto, embora seja típico dos romances do século XIX, narrados em primeira pessoa, essa pré-seleção de fatos e idéias com a possibilidade ou não de confirmação no decorrer do texto, em *Dom Casmurro* é o desencadeamento de diversas “traduções” que vão interferir e direcionar os rumos da história. Tradução, aqui, não no sentido interlingüístico, mas no sentido intralingüístico, onde quem lê faz a tradução para si mesmo, levando em conta sua competência para leituras previsíveis (paráfrases) e leituras possíveis (polissêmicas). Em *Dom Casmurro* o narrador é o tradutor de sua história; o autor é o tradutor de seu tempo, de sua visão sobre o mundo; e o leitor é o tradutor da história contada pelo narrador no tempo real da leitura: hoje.

Portanto, para analisar a relação existente entre narrador e leitor em *Dom Casmurro*, é preciso “entrar no jogo do narrador”,

passar a fazer parte da história, por mais fechada que ela seja. Só assim o leitor e analista conseguirá entender a história: vivendo a narrativa, sentindo-a com a mesma profundidade que o narrador narra, tornando-se um tradutor do que o narrador conta, traduzindo para si mesmo.

Até certo ponto, podemos dizer que o leitor projeta em seu cérebro os sentimentos e pensamentos do outro (o narrador) e faz o mesmo percurso do narrador para compreendê-lo, identifica-se com ele e insere-se nesse ciclo que envolve narrador, leitor e personagem, como numa teia, e passa a ser responsável pelo texto, porque cria significados. Aí está o limite dessa relação: por mais que o leitor se deixe levar passivamente pela narrativa, os significados de leitura que ele cria se darão a partir de suas próprias experiências. Nesse processo de tradução ele passa a ser responsável pelo texto que recria, porque interfere nele. Torna-se um leitor-autor, porque traz a ficção para a sua realidade, compondo seu próprio significado. Por mais fechada que seja a narrativa, o leitor sempre encontrará orifícios pelos quais fará sua intervenção no texto.

A RELAÇÃO NARRADOR E LEITOR DE *DOM CASMURRO*: PASSIVIDADE OU INTERAÇÃO?

O narrador de *Dom Casmurro* inaugura sua história com um ar de pessimismo, de descrença com o mundo, com seu meio, um niilismo próprio dos românticos:

Quanto às amigas, algumas datam de quinze anos, outras de menos, e quase todas crêem na mocidade. Duas ou três fariam crer nela aos outros, mas a língua que falam obrigam muita vez a consultar os dicionários, e tal freqüência é cansativa.

[...] Em verdade, pouco apareço e menos falo. Distrações raras. O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal (DOLIVRO, p. 17).

Mas, apesar de deixar transparecer tanta desesperança e melancolia, todo esse niilismo denuncia uma relação artificial do personagem com o meio; um niilismo que o próprio ato da escrita contradiz:

[...] Foi então que os bustos pintados nas paredes entraram a falar-me e a dizer-me que, uma vez que eles não alcançavam reconstituir-me os tempos idos, pegasse da pena e contasse alguns. Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras viessem perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o Fausto: *Aí vindes outra vez, inquietas sombras...*? (DO LIVRO, p. 18, grifo do autor).

Queria reviver na escrita seu passado, suas memórias; ainda que fossem momentos sofridos e dignos de esquecimento, queria revivê-los. E escrever era a melhor forma de eternizar.

Até que ponto é possível escrever suas próprias experiências com imparcialidade, sem reconstruí-las de outro modo, a seu modo, de um modo que justifique seus atos e a si mesmo?... Ninguém está imune às interferências do tempo e espaço em que vive. Nesse sentido, uma autobiografia nunca é trazer de volta o passado tal qual ele fora, pois, estando em um outro tempo, o presente, essa escrita vai sofrer as influências desse tempo, será uma escrita ideal. Quem escreve já é um outro ser porque, no momento da escrita, já foi afetado e transformado pelas experiências que vai contar. Quem escreve não é o mesmo que viveu. Por isso, precisamos suspeitar da intencionalidade de Dom Casmurro em relação ao leitor para quem ele escreve, e questionar, o tempo todo, seu tom filosofante e seu ar de vitimado.

Através da pena convincente de Machado de Assis, Dom Casmurro recria-se, duplica-se, pois cria uma outra ficção para um texto que já é ficcional, levando o leitor a sentir-se penalizado com o sofrimento do personagem, tornando-se seu defensor, seu advogado e, de certo modo, seu cúmplice.

Apesar de uma aparente linearidade, *Dom Casmurro* é toda

feita de digressões e, poderíamos dizer que, o personagem é duplo e bipolar, pois, quem escreve é Dom Casmurro, quem vive a escrita é Bentinho. Dom Casmurro é, então, um autor-narrador quando escreve suas memórias, e narrador-personagem quando vive o que narra como Bentinho. Bentinho é o personagem principal da ficção criada por Dom Casmurro; mas Dom Casmurro é o personagem principal da ficção criada por Machado de Assis. Uma ficção dupla, uma dentro da outra, que gera um personagem também duplo.

Se pudermos utilizar o termo “morte do autor” num sentido amplo e poético da palavra é nesse caso, pois o autor cria uma ficção para um texto que já é ficcional e, nem assume, nem nega sua autoria, porque Dom Casmurro assume o papel de autor. Se o leitor não ficar atento, esquece tais aspectos e se perde (ou se encontra) na leitura.

NA SEQUÊNCIA DA HISTÓRIA: DO TÍTULO. DO LIVRO. A DENÚNCIA...

Apesar da aparente linearidade, talvez fosse mais correto afirmar que se trata de uma circularidade: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. [...]” (DO LIVRO, p. 17). Feito. Embora não tenha conseguido ligar as duas pontas da vida, ligou as da narrativa. Narra do presente, dá certo corte, ou seja, interrompe o tempo para voltar ao passado. A história dele começa, realmente, ali, com “A Denúncia”. A partir daí desenvolve-se linearmente no tempo até chegar novamente ao ponto de partida, o presente. Atando as duas pontas da linha do tempo só pode resultar em um círculo que, no final, volta ao começo.

Mas, esta não é a finalidade deste capítulo, antes, sua finalidade é observar, na sequência da história, pontos relevantes para o entendimento da relação entre narrador e leitor. Começemos, pois, do que julgamos ser o começo: “Denúncia”. O narrador apresenta-nos Bentinho já sob os olhares atentos da família e

despertando para o amor de Capitu. Analisa, em “Um dever Amaríssimo”, todos os traços do perfil físico e psicológico de José Dias, seu denunciante e “O agregado” da família. Não por acaso o primeiro personagem secundário a ser apresentado foi José Dias, autor da denúncia, antes mesmo de nos apresentar o núcleo genealógico da família no capítulo “D. Glória”. O agregado foi o primeiro a perceber que os olhares entre Bentinho e Capitu não eram mais olhares pueris. A denúncia foi a semente daquele amor que, jogada em terra fértil, germinou. E Bentinho disse para si mesmo: “É Tempo”

No capítulo seguinte, “A Ópera”, o narrador faz uma regressão ao presente da ficção “[...] Vinha aqui jantar comigo algumas vezes [...]”, para explicar a comparação que fazia um amigo tenor entre a vida e a ópera. Comparações aceitas e reformuladas por Dom Casmurro tendo como a ópera sua própria vida, iniciam-se as justificativas em favor de Bentinho e os contatos diretos com o leitor.

Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um *duo* terníssimo, depois um *trio*, depois um *quatuor*... Mas, não adiantemos; vamos à primeira tarde, em que eu vim a saber que já cantava, porque a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ela me denunciou.

Entre os detalhes de sua criação e educação e os projetos para o futuro de Bentinho, o narrador tece a história capturando o leitor para ser sua testemunha. Já que todos morreram, ele quer o leitor como seu grande jurado. Vai construindo sua Verdade, justificando-se o tempo todo:

Tudo isto me era agora apresentado pela boca de José Dias, que denunciara a mim mesmo, e a quem eu perdoava tudo, o mal que dissera, o mal que fizera, e o que pudesse vir de um e de outro. Naquele instante, a eterna Verdade não valeria mais que ele, nem a

eterna Bondade, nem as demais Virtudes eternas. Eu amava Capitu! “Capitu amava-me” E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente por ser a primeira.

Mesmo quando Capitu dá o primeiro passo para a concretização daquele romance, escrevendo seu nome junto ao dele, no muro, o narrador defende Bentinho. Uma defesa de coisa alguma, pois nada havia acontecido ainda. Talvez apenas para ir confirmando a inocência, a ausência de culpa por parte dele de qualquer coisa que viesse acontecer: “[...] Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado [...]”; “[...] Conhecia as regras do escrever, sem suspeitar as do amar; tinha orgias do latim e era virgem de mulheres. [...]” (BENTO/CAPTOLINA, p. 38).

Nos muitos capítulos que se seguem é notável o esforço do narrador para convencer o leitor da ingenuidade de Bentinho e da astúcia de Capitu, como se ela fosse desde sempre, quem direcionava e manipulava toda a situação com propósitos escusos e pré-concebidos. Claros ficam tais propósitos na narração de uma explosão nervosa de Capitu ao saber da intenção da mãe de Bentinho de mandá-lo para o seminário:

Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe, e minha mãe dela, que eu não podia entender tamanha explosão. É verdade que também gostava de mim, e naturalmente mais, ou melhor, ou de outra maneira, coisa bastante a explicar o despeito que lhe trazia a ameaça da separação; mas os impropérios, como entender que lhe chamasse nomes tão feios, e principalmente para deprimir costumes religiosos, que eram os seus? Que ela também ia à missa, e três ou quatro vezes minha mãe é que a levou, na nossa velha sege. Também lhe dera um

rosário, uma cruz de ouro e um livro de *Horas*... Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo fosse ouvida dos pais. Nunca a vi tão irritada como então; parecia disposta a dizer tudo a todos. Cerrava os dentes, abanava a cabeça... Eu, assustado, não sabia que fizesse; [...] (UM PLANO, p. 45, grifo do autor).

Quando passou a explosão “Capitu refletia. A reflexão não era coisa rara nela, e conheciam-se as ocasiões pelo apertado dos olhos [...]”; “[...] Capitu deixou-se ir rindo; depois a conversa entrou a cochilar e a dormir [...]” (UM PLANO, p. 46). Depois da reflexão, a conclusão: “-Se eu fosse rica, você fugia, metia-se no parque e ia para a Europa.”; “Como vês, Capitu, aos quatorze anos, já tinha idéias atrevidas, muito menos que outras que lhe vieram depois, mas eram só atrevidas em si, na prática, faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos, não sei se me explico bem [...]” (UM PLANO, p. 47).

Neste momento, já está plantada no leitor uma semente de desconfiança por Capitu e uma árvore, já crescida, de cumplicidade com Bentinho – ou Dom Casmurro. Sim, porque é no momento em que o narrador começa a apresentar Bentinho como “o manipulável e passível de traição” da história, que Dom Casmurro ganha vida para a narrativa. Antes, Bentinho era o adolescente que vivia um grande amor correspondido. Vários outros pontos da narrativa nos mostram que Capitu era astuciosa, apesar da pouca idade. De forma que fica difícil não crer em sua traição no final. Mas o leitor, aqui representado por quem analisa esta relação, é capaz de levantar outras hipóteses. Tracemos, então, o perfil do narrador, Dom Casmurro.

REFLEXÕES DE LEITOR O PERFIL DO NARRADOR

Dom Casmurro era advogado, aristocrata, composto bem à

figura dos proprietários escravagistas do século XIX, rico por herança, um homem relativamente comum, mas de caráter ilustre socialmente, melancólico e bom representante do egocentrismo romântico. Entretanto, o tema que ele narra se dá no tocante a uma questão que atinge a qualquer ser humano que, sendo rico ou pobre, do século XIX ou XXI, está predisposto, de alguma forma: a traição. Sua filosofia de vida – a busca incansável pela Verdade – o faz transitar sempre entre as fronteiras da Certeza e da Suspeita, da Mentira e da Verdade, fronteiras vulneráveis e que, em determinados momentos, não são opostas, mas constituem apenas pontos de vista diferentes: “[...] Os olhos de Capitu, quando recebeu o mimo, não se descrevem; não eram oblíquos, nem de ressaca, eram direitos, claros, lúcidos [...]” (UM MEIO-TERMO, p. 103).

O PERFIL DO LEITOR

Eis a questão: qual o leitor? O do século XIX, contemporâneo do narrador, com um perfil bem parecido com o dele por fazer parte da mesma sociedade, ou o leitor do século XXI? Certamente, naquela época, os leitores desta ficção, homens e mulheres reais, apedrejariam (ou apedrejam) mentalmente Capitu. Nada poderia ser feito em sua defesa, pois as provas apresentadas por Dom Casmurro seriam suficientes para sua condenação. Mas, o leitor de hoje lhe daria, no mínimo, o benefício da dúvida. Embora o narrador tenha o firme propósito de convencer o leitor de sua Verdade, as fronteiras que separam a realidade da ficção são, hoje, bastante tênues, vulneráveis. Fica impossível não fazer uma aproximação entre a ficção e a realidade, para entender o texto com profundidade. Nessa aproximação e comparação é que acontece o julgamento do leitor e uma leitura competente se constitui. Como numa interação entre as linguagens do século XIX e XXI, o leitor refaz, reinventa a história num processo de tradução interna do que lê. Afinal, ninguém e nada está imune às influências e transformações deste eterno girar universal.

O PERFIL DE BENTINHO

Jovem, ingênuo, homem sem determinação. Vive das denúncias de José Dias: “Juro! Deixe ver os olhos, Capitu. Tinha me lembrado a definição que José Dias dera deles, ‘olhos de cigana oblíqua e dissimulada’. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se se podiam chamar assim [...]” (OLHOS DE RESSACA, p. 71); Vivia dependente também da determinação de Capitu, algo que ela trazia estampado nos “olhos de ressaca” e nos gestos. Mais tarde, também passa a viver de outras denúncias, como a de Otelo, personagem de Shakespeare numa peça de teatro: “Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho [...]” (UMA REFORMA DRAMÁTICA, p. 141). Até as imitações do filho Ezequiel lhe servem como denúncias, como indícios de uma traição: “[...] já lhe achei até um jeito dos pés de Escobar e dos olhos...” (AS IMITAÇÕES DE EZEQUIEL, p. 201); “[...] Alguns dos gestos já lhe iam ficando mais repetidos, como os das mãos e pés de Escobar; ultimamente, até apanhara o modo de voltar da cabeça deste, quando falava, e o de deixá-la cair, quando ria [...]” (FILHO DO HOMEM, p. 208).

Assim, vai construindo a traição da esposa e do amigo sobre os gestos de Ezequiel, embora ele mesmo admitisse, eram só imitações: “Escobar concordou comigo e insinuou que alguma vez as crianças que se freqüentam muito acabam parecendo-se umas com as outras. Opinei de cabeça, como me sucedia nas matérias que eu não sabia bem nem mal. Tudo podia se [...]” (AMIGOS PRÓXIMOS, p. 210).

O LEITOR, ADVOGADO DO DIABO

Após traçar o perfil do narrador e situá-lo no tempo e espaço em que a obra foi escrita, e situar o leitor como sendo o dos dias atuais, considerando todas as referências tecnológicas que

a contemporaneidade nos oferece, é possível confirmar que o leitor de hoje, ao ler *Dom Casmurro*, torna-se também autor da obra, pois recria, compõe uma nova realidade para a ficção.

Dessa forma, é impossível não analisarmos a narração de *Dom Casmurro* sem dar voz e vez aos outros personagens. Como se trata de uma narração onde apenas o narrador fala, até mesmo quando as falas e pensamentos são dos outros personagens é o narrador quem os transmite, moldando-os e interpretando-os a seu modo, para convencer o leitor.

No entanto, em várias passagens o próprio narrador se contradiz e demonstra suas dúvidas frente à Verdade, que parecia já incontestável: “A viúva era realmente amantíssima. Assim se desvaneceu de todo a ilusão da minha vaidade. Não seria o mesmo caso de Capitu?” (CISMANDO, p. 220).

O narrador também se trai ao escrever uma passagem onde expressa uma ingenuidade incomum em Capitu, até então: “-Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? Perguntou-me Capitu. Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar [...]” (ANTERIOR AO ANTERIOR, p. 225). Também deixa transparecer o quanto Capitu se submeteu às suas vontades e tentou desviá-lo do verme do ciúme que o corroía: “[...] Dali em diante foi cada vez mais doce comigo; não me ia esperar à janela para não espertarme os ciúmes [...]” (DÚVIDAS SOBRE DÚVIDAS, p. 206); “[...] E, sem se lhe dar das visitas, nem repara se havia algum criado, abraçou-me e disse-me que, se quisesse pensar nela, era preciso pensar primeiro na minha vida. [...]” (PUNHADO DE SUCESSOS, p. 222); “As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala [...]” (OLHOS DE RESSACA, p. 216).

AO VERME QUE CORRÓI O HOMEM, O CIÚME

Naquela busca incansável pela Verdade, ela se tornou idéia fixa; havia algo de insano nesta busca, incomum para o leitor

de hoje talvez, mas muito compreensível para um narrador do século XIX, melancólico, introspectivo, que queria a qualquer custo encontrar justificativa para sua “casmurrice”. Construiu sua “casmurrice” com bases bem sólidas, seu alicerce foi o ciúme. Bentinho foi se transformando em Dom Casmurro aos poucos, à medida que seu ciúme crescia. Tinha ciúme de tudo; do cavaleiro que passasse à rua, dos braços de Capitu e até do mar:

[...] O cavaleiro não se contentou de ir andando, mas voltou a cabeça para o nosso lado, o lado de Capitu, e olhou para Capitu, e Capitu para ele; o cavalo andava, a cabeça do homem deixava-se ir voltando para trás. Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu. [...] (O CONTRA-REGRA, p. 143); Escapei ao agregado, escapei a minha mãe não indo ao quarto dela, mas não escapei a mim mesmo. Corri ao meu quarto, e entrei atrás de mim. Eu falava-me, eu perseguia-me, eu atirava-me à cama, e rolava comigo, e chorava, e abafava os soluços com a ponta do lençol. Jurei não ir ver Capitu aquela tarde, nem nunca mais, e fazer-me padre de uma vez. [...] (O DESESPERO, p. 144); [...] Eram os mais belos da noite, a ponto que me encheram de desvanecimento. Conversava mal com as outras pessoas, só para vê-los, por mais que eles se entrelaçassem aos das casacas alheias. Já não foi assim no segundo baile; nesse, quando vi que os homens não se fartavam de olhar para eles, de os buscar, quase de os pedir, e que roçavam por eles, as mangas pretas, fiquei vexado e aborrecido. Ao terceiro não fui [...]. (OS BRAÇOS, p. 188-189); [...] Uma noite perdeu-se em fitar o mar, com tal força e concentração, que me deu ciúmes (DEZ LIBRAS ESTERLINAS, p. 189-190).

Por fim, então, passou a ter ciúme de Escobar: “[...] saí, mas voltei no fim do primeiro ato. Encontrei Escobar à porta do corredor”. (EMBARGOS DE TERCEIROS, p. 202); e até do cadáver de Escobar: “[...] Capitu olhou alguns instantes para

o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...” (OLHOS DE RESSACA, p. 217). Com o ciúme, cresce também a desconfiança; e junto aos dois cresce Ezequiel:

Nem só os olhos, mas as restantes feições, a cara, o corpo, a pessoa inteira, iam se apurando com o tempo. [...] Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para sentar-se comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção de costume. Todas essas ações eram repulsivas; eu tolerava-as e praticava-as, para não me descobrir a mim mesmo e ao mundo [...] (O DEBUXO E O COLORIDO, p. 227).

O capítulo citado anteriormente mais parece um descrever de um narrador personagem no limiar da sanidade para a loucura. E Otelo determina sua própria desgraça e a de outros, que está a caminho. Bentinho encontra na peça de teatro a gota que faltava para seu devaneio total: “Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente *Otelo*, que não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto e estimei a coincidência [...]”; “[...] O último ato mostrou-me que não eu, mas Capitu devia morrer. [...]” (OTELO, p. 231-232). Na época de Otelo, “um lenço bastou para acender os ciúmes”; na época de Bentinho, ou Dom Casmurro, “alguma vez há em que nem lençóis há, e valem só as camisas” (p. 231), e hoje, para o leitor? O que seria necessário para comprovar a traição de Capitu? A aparência de Ezequiel seria suficiente?

Certo é que Dom Casmurro, o narrador, criou essa Capitu infiel pelo seu ciúme, ou melhor seria dizer, pelo ciúme de Bentinho: “O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente.[...]”

Mas, nem mesmo ele acredita tanto assim nessa Verdade: “[...] Jesus, filho de Sirach, se soubesse dos meus primeiros

ciúmes, dir-me-ia, como no seu cap. IX, vers. 1: ‘Não tenhais ciúme de tua mulher para que ela não se meta a enganar-te com a malícia que aprender de ti’[...]’.

Por isso, precisa do leitor como seu cúmplice, como um jurado seu: “[...] Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca”.

Para a ficção, a traição de Capitu e Escobar é fato comprovado. O narrador garante isso:

E bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, a saber, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve! [...] (E BEM, E O RESTO, p. 250).

Para o leitor, a conclusão vai depender da relação estabelecida por ele com o narrador: se foi de passividade ou dialética. Machado que nos perdoe, a nós leitores mais abusados do século XXI, mas se o leitor se constitui no ato da leitura e é como leitura que um texto ganha sentido, novas interpretações surgem e vão surgir sempre, e precisam ser consideradas. É assim que a literatura renova-se a cada dia e um texto literário mantém-se vivo através dos séculos. Afinal, “a obra em si mesma é tudo”.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Klick editora/O Globo, 1997.

Recebido em 14/08/2008

Aprovado em 21/09/2008